O.PINIÃO

Editorial

ASSALTO AO ESTADO

Reportagem de **O TEMPO** de ontem informa que, um ano depois de a Lei de Acesso à Informação ter exposto os salários do pessoal empregado no Estado, perto de mil deles continuam recebendo valores acima do teto de R$ 28.059 – o máximo permitido por lei.

Por lei, o valor máximo que um funcionário público pode ganhar é o salário de um ministro do Supremo Tribunal Federal. No entanto, esse pessoal se vale de liminares obtidas na Justiça para acrescentar a seus vencimentos outros benefícios discutíveis.

Para eliminar os supersalários, o gestor público teria de provar, na Justiça, que seus beneficiários agiram de má-fé na sua obtenção, o que é muito difícil, além de demorado. Os beneficiados têm a seu favor a Constituição, que garante a irredutibilidade dos salários.

Quem vem tratando disso, cobrando a devolução dos valores recebidos, é o Ministério Público, ele próprio objeto de investigação (com cem desses marajás). Os beneficiários podem alegar o caráter alimentar do salário. A dificuldade é conseguir cassar as liminares.

A distorção ocorre em todos os Poderes. No Executivo, passam de 500 pessoas. Boa parte é constituída de funcionários da Secretaria da Fazenda. Além de seus vencimentos, esse pessoal tem participação na receita proveniente da arrecadação de impostos.

Há registros até em prefeituras municipais. Em relação ao conjunto do funcionalismo público estadual, o número desses marajás é pequeno, mas a sua existência, além de constituir uma ilegalidade, representa uma afronta aos outros servidores e à sociedade.

O poder público é omisso, senão conivente. Ele é incoerente quando anuncia uma redução de cargos e salários, como medida de economia, e ao mesmo tempo permite que os supersalários pulem, em um ano, de 350 para 513, como aconteceu no Estado.

Se não consegue reduzir os supersalários, pelo menos o Estado deveria impedir que seu número aumentasse.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos
GERENTE DE ASSINATURAS Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

Duke

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Os legados contraculturais de Norma Benguell e Gabriela Leite

A morte de dois ícones do hedonismo dos anos de 1960 e 1970

A primavera 2013 levou a atriz e cineasta Norma Benguell (1935-2013) e a encantadora prostituta e feminista Gabriela Leite (1951-2013) – ícones do hedonismo e de um postulado-alicerce da contracultura dos anos de 1960 e 1970: "Liberdade nos relacionamentos sexuais e amorosos".

Norma Benguell foi manequim da Casa Canadá, nos anos de 1950; do teatro de revista de Carlos Machado; fez chanchada e gravou discos. Estrela do Cinema Novo, chegou à Europa a bordo de dois sucessos do nosso cinema: "Os Cafajestes" e "O Pagador de Promessas" – obra de Dias Gomes, filme de Anselmo Duarte, 1962, que ganhou em Cannes a única Palma de Ouro do Brasil, no qual Norma Benguell interpretava a prostituta Marli!

Em "Os Cafajestes", de Ruy Guerra (1962), fez o primeiro nu frontal do cinema nacional; estrelou 64 filmes, peças de teatro, novelas e séries de TV. Dirigiu quatro filmes: "Eternamente Pagu" (1988); "O Guarani" (1996); "Magda Tagliaferro – O Mundo dentro de um Piano" e "Infinitamente" (2005). Perseguida pela ditadura de 1964, em 1971 ficou exilada em Paris.

Afirmou ter feito 16 abortos – jovem na era pré-pílula, optou não ser mãe. Viúva do ator italiano Gabrielle Tinti, viveu com ele por 30 anos. Indagada sobre como o conheceu, disse: "Dei uma festa que achei muito chata. Aí eu peguei um amigo e fomos dançar no Clube 84. Às seis da manhã, a casa estava toda aberta, não tinha mais ninguém, só um homem deitado no sofá. Eu falei: 'Meu filho, a festa acabou'. Quando ele abriu os olhos azul-violeta, eu completei: 'O quarto de hóspedes é ali'. E casamos".

Gabriela Leite abandonou a faculdade de sociologia na USP, fim dos anos de 1970, para ser prostituta na Boca do Lixo, segundo ela, por "pura porra-louquice". Começou a luta contra a repressão policial às prostitutas. De Sampa, foi para BH – "Toda prostituta um dia vai para BH ganhar dinheiro, lá tem muito cliente" –, onde ficou um ano. Seguiu para o Rio de Janeiro, em 1982, onde se encantou pela Vila Mimosa: "E esse foi um dia muito importante na minha vida, um dia

> Aprendi com Gabriela que prostituição não é o mesmo que exploração sexual e que prostitutas não vendem seus corpos, vendem prazer

que nunca vou esquecer... Entrei na Vila Mimosa e amei. Parecia a zona de cidade do interior... Aquelas máquinas de música tocando em todas as casas. O som daquelas músicas bregas, tudo colorido. A imagem que eu tive da Vila Mimosa era a de uma grande festa. E fui ficando lá".

De Vila Mimosa bateu asas na organização do Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, na criação do jornal "Beijo da Rua", em 1988, ONG DaVida, em 1990, e a grife Daspu, em 2005: "Serão roupas insinuantes, sensuais, mas sem vulgaridade. Queremos resgatar a elegância das meninas do passado"; "a linha de batalha vai ser ousada, provocante, sem ser ridícula ou vulgar". Foi o que registrei em "A Daspu é um deslumbre" (**O TEMPO**, 7.12.2005). Escreveu o livro "Filha, Mãe, Avó e Puta", que virou peça de teatro (2009). Indagada sobre em qual desses papéis ela mais se realiza, disse: "Eu gosto muito de ser avó. Mas também gosto muito de ser puta".

Guerreira dos direitos humanos das prostitutas, profissão reconhecida em 2002 pelo Ministério do Trabalho. Com Fernando Gabeira (PL 98/2003), lutou pela regulamentação da profissão, sem sucesso; ao morrer, apoiava o PL 4.211/2012, do deputado federal Jean Wyllys (PSOL), "Lei Gabriela Leite", que garante direitos trabalhistas e legaliza prostíbulos.

Deixou duas filhas, uma neta e o marido, o jornalista Flávio Lenz. Aprendi com Gabriela que prostituição não é o mesmo que exploração sexual e que prostitutas não vendem seus corpos, vendem prazer.

DUKE